

momentaneamente tudo o que possuía e sem compreender a lição desesperei-me, revoltado contra o próprio Deus, esquecendo-me de que os maiores tesouros – a minha família e a minha saúde – Ele me havia conservado.

Não compreendia a vida sem o dinheiro, sem o ouro. Xingava, reclamava, chorava, espalhando a tristeza, o medo, e a tirania em meu derredor. Preparava, revoltado, a minha fuga da vida, mas de modo que deixasse alguém como responsável pela minha morte, resguardando, assim, a minha reputação de homem honesto e fino que sempre me julguei.

Mas, lamentavelmente, muito tarde reconheci a ajuda que tive quando caí gravemente enfermo, paralítico, impedido, portanto, de executar o meu nefando projeto. Não soube agradecer a Deus aquela doença, que poderia ter sido o princípio da minha regeneração. Exasperei-me mais e mais até que a morte me colheu. Mas o orgulho e a revolta seguiram-me, acompanharam-me até depois do túmulo.

Só eu sei o que sofri e sofro ainda! Agora, estou vencido, cansado, e sem forças para lutar! Ontem, rico de dinheiro e de orgulho, hoje, mendigo de paz e de luz, a implorar um pouco de misericórdia e de um abrigo onde possa esconder a minha dor e a minha vergonha. Porque agora reconheço o meu fracasso. A doença é, muitas vezes, um barco de salvação que nos leva a porto seguro, mas se nos revoltamos contra o timoneiro desse barco, ele socobrará por certo, levando-nos para os abismos, nas maiores profundidades da amargura.

Estou aqui com vocês e o meu desabafo é o sinal do meu profundo arrependimento, embora muito tardio. Se, porém, o meu exemplo servir de advertência a alguém, já será um grande benefício para mim, e é isso o que desejo sinceramente.

José Mendes

Presentes: Arnaldo Rocha, Énio Santos, Francisco Teixeira de Carvalho, Geraldo Benício Rocha, Nélio Cerqueira Gonçalves, Antônio Inácio de Melo, Aderbal Nogueira Lima, Francisco Cândido Xavier, Zínia Orsine Pereira e Waldemar Silva.

Comunicação recebida pela médium Zínia Orsine Pereira.

Amoroso aviso

Nossos pés, muitas vezes, nos conduzem a lugares impróprios, inundados pelo lodo das paixões destruidoras. Podem, também, ser o veículo do auxílio e do socorro para os que lá sofrem, sem forças para se levantar.

Se o nosso coração pulsa por um amor menos digno, capaz de levar o desequilíbrio e a intransquilidade ao próximo, poderá também, se melhor dirigido, levantar os que erram e choram, mergulhados na lama dos sentimentos embrutecedores.

Se os nossos olhos servem de escândalo e de instrumento à infelicidade alheia, será bem melhor que eles se volvam para dentro de nós mesmos, buscando, antes de tudo, as nossas múltiplas imperfeições.

Se a nossa língua se abisma na conspurcação dos fatos, agravando os males e ferindo o próximo, é bem mais útil e mais promissor que ela silencie quando não souber ainda ajudar. Que ela vibre apenas quando puder desculpar, socorrer e orar, buscando no Pai a iluminação para nós próprios e para os nossos companheiros de peregrinação, porque assim verifiquei o que temos em nós mesmos para corrermos em busca da dor ou da paz.

Outrora, quantas vezes feri, julguei, ofendi, sem saber que plantava dores e lágrimas, infortúnios para o meu pobre espírito. E hoje aqui estou a pedir a Deus que na minha próxima vida aí na Terra eu sofra tudo que causei aos outros – meus olhos não tenham luz para que eles não possam transmitir ao meu cérebro e ao meu coração o desejo de ferir, de ofender, de maltratar alguém. Porque só depois que perdemos o nosso corpo físico sabemos aquilatar o seu grande valor e as sublimes oportunidades que perdemos.

Aprendi também aqui uma grande verdade: é que Deus não nos julga. Nós mesmos nos colocamos, compulsoriamente, nos lugares que nos reservaram os nossos pés, o nosso coração, os nossos olhos e, especialmente, a nossa língua.

Silencie, pois, aquele que não pode ainda compreender a ciência do verbo para que não sofra como eu! Cale-se aquele que não pode ser caridoso ainda! A revolta que alimentava por tudo que me cercava, a minha inconformação e rebeldia só me deixaram o doloroso ressaibo da amargura e da desilusão.

Carlos Dias

51ª reunião | 17 de outubro de 1957

Presentes: Arnaldo Rocha, Ênio Santos, Delacir de Oliveira, Francisco Gonçalves, Geni Pena Xavier, Lucília Xavier Silva, Francisco Teixeira de Carvalho, Geraldo Benício Rocha, José Gonçalves Pereira, Laura Nogueira Lima, Edite Malaquias Xavier, Aderbal Nogueira Lima, Corina Novelino, Francisco Cândido Xavier, Áurea Gonçalves e Waldemar Silva.

Comunicação recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier.

Amor

O amor é a lei de Deus em toda parte.
Repara, acima, o sol que se derrama
Em torrentes de luz a sustentar-te
Tanto quanto apascenta o verme e a lama.

Desce os teus olhos sobre a gleba imensa
E encontrarás cantando, humilde e boa,
A fonte que se dá, sem recompensa,
Por sorriso da Terra que abençoa.

A árvore, além, é a compaixão perfeita
Sem queixar-se da luta que a consome,
Oferecendo a flor com que te enfeitas
E dando o fruto que te atende à fome.